A DEMANDA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA INFANTIL: ENTRE O OUTRO E O SUJEITO DA CRIANÇA

Nicolly Fabri do Carmo
Acadêmica do Curso de Psicologia do UNIVAG
nicollyfabri2003@gmail.com

Pamela Junqueira Padua
Acadêmica do curso de Psicologia do UNIVAG
pamela.padua@hotmail.com

Luiz Guilherme Araújo Gomes
Professor e Supervisor de Estágio do Curso de Psicologia do UNIVAG
luiz.gomes@univag.edu.br

O presente trabalho aborda a relação entre o percurso da psicanálise freudiana e a demanda clínica na infância, a partir das experiências vivenciadas no estágio supervisionado em Psicologia Clínica, realizado em um serviço-escola de Psicologia de uma instituição de ensino superior. Busca-se analisar em que medida essa demanda se configura como um pedido da própria criança ou como algo que surge a partir do Outro, isto é, de alguém que fala por ela, bem como se o sintoma apresentado pela criança se constitui de forma singular ou como repetição de dinâmicas familiares. Nesse sentido, o trabalho tem como objetivo compreender como se constitui a demanda na clínica psicanalítica infantil, a partir das experiências do estágio supervisionado, considerando a emergência do sujeito e a construção de um lugar próprio de fala no processo analítico. De acordo com Leitão e Cacciari (2017), na clínica infantil, na maioria das vezes, a criança não comparece ao atendimento por iniciativa própria, mas é levada por pais, responsáveis ou instituições que apresentam uma queixa, como a escola. Dessa forma, a demanda que inicia o tratamento se encontra, inicialmente, no campo do Outro, sendo atravessada por expectativas, ideais e impasses familiares. Sendo assim, tal condição exige do analista uma escuta que não se limite à queixa dos responsáveis, mas que busque sustentar a possibilidade de emergência

ISBN: 978-85-88900-14-1

do sujeito da criança. No texto Psicanálise Selvagem (1910), Freud aponta que esta consiste em antecipar um sentido prévio ao discurso do sujeito, atribuindo interpretações antes mesmo que ele possa elaborar sua própria fala. Essa postura acaba silenciando o que há de singular no sujeito e reduz o sintoma a um significado imposto pelo analista ou por outras pessoas. Ao articular essa noção com a clínica infantil, é possível compreender que, quando o analista se fixa exclusivamente na demanda trazida pelos pais, responsáveis ou pela escola, tomando-a como verdade sobre a criança, ele corre o risco de operar justamente nessa lógica da psicanálise selvagem trazida pelo autor. Isso porque passa a responder ao que o Outro diz sobre a criança, antecipando sentidos e não abrindo espaço para que ela própria se coloque nesse local. Assim, na clínica com crianças, sustentar uma escuta que vá além da queixa parental implica evitar a antecipação de sentidos, possibilitando que a criança, gradualmente, construa seu próprio lugar de fala e se apresente como sujeito. Nesse contexto, ao articular a noção de sintoma com os fundamentos da psicanálise freudiana, segundo Freud (1904), compreende-se que a terapia psicanalítica se baseia na perspectiva de que as representações inconscientes, isto é, processos anímicos (psíquicos) não conscientes, constituem a causa dos sintomas patológicos. Desse modo, os sintomas podem ser compreendidos como formações do inconsciente que expressam conflitos psíquicos não elaborados. Ainda nessa perspectiva, ao considerar o conceito de repetição, entende-se que o sujeito tende a não apenas recordar experiências, mas a repeti-las em sua forma de agir. (Freud, 1914, apud Leitão; Cacciari, 2017). No caso da criança, essa repetição se manifesta, em muitos casos, no brincar, o que permite a elaboração de conteúdos psíquicos e a expressão de conflitos que ainda não encontram lugar na palavra. Freud (1912) destaca que a transferência ocupa um lugar central no processo analítico, uma vez que os conflitos do sujeito tendem a se manifestar na relação com o analista. Nesse contexto, compreende-se que o paciente não apenas fala sobre seus conteúdos inconscientes, mas também os expressa por meio de atos na relação analítica, o “acting out”. Dessa forma, tais manifestações evidenciam a tendência à repetição, na medida em que os conteúdos inconscientes retornam na experiência transferencial. Nesse sentido, na prática clínica com crianças, embora a queixa inicial seja frequentemente sustentada pelo Outro, há a possibilidade de que, no decorrer do tratamento, a criança construa um lugar próprio de fala. Logo, um dos principais papéis da psicanálise com crianças é possibilitar que a criança se posicione como sujeito, e não apenas como objeto do desejo dos outros, evitando que ela seja reduzida a um sintoma ou a um problema a ser corrigido. Os procedimentos técnico-metodológicos adotados neste

ISBN: 978-85-88900-14-1

trabalho se fundamentam em um estudo de caso de caráter reflexivo, baseado na prática clínica desenvolvida em um serviço-escola de Psicologia de uma instituição de ensino superior. Os atendimentos foram realizados de forma presencial e individual, com frequência semanal, incluindo entrevistas preliminares com os responsáveis das crianças e acompanhamento sob supervisão técnica contínua. O método consistiu na observação sistemática e no registro das sessões, buscando articular os dados clínicos com o referencial teórico da psicanálise. Por fim, conforme os princípios éticos da Psicologia, preserva-se o sigilo das informações e a identidade dos pacientes, sendo utilizadas denominações genéricas nas descrições clínicas. Ao longo deste estágio, observou-se que, embora a demanda inicial se situe no campo do Outro, o processo analítico pode possibilitar que a criança construa um lugar próprio de fala e se constitua como sujeito. Nesse contexto, a escuta do analista se orienta pela sustentação de um espaço que possibilite a emergência do singular do sujeito da criança. Assim, considerar tanto a demanda do Outro quanto a singularidade da criança evidencia a complexidade da clínica infantil, destacando a importância da articulação entre teoria, prática e ética na formação do psicólogo.

Palavras-chave: Psicanálise freudiana; Clínica infantil; Demanda do Outro; Sintoma; Transferência.

ISBN: 978-85-88900-14-1

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LEITÃO, Iagor Brum; CACCIARI, Marcella Bastos. **A demanda clínica da criança: uma psicanálise possível.** Estilos da Clínica, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 64–82, 2017.

FREUD, Sigmund. **Sobre a psicoterapia (1904).** In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 7, p. 257–270.

FREUD, Sigmund. **Sobre a psicanálise selvagem (1910).** In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 11.

FREUD, Sigmund**. A dinâmica da transferência (1912).** In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 12.

ISBN: 978-85-88900-14-1